
EDITORIAL

O grande desafio de um Serviço de Psiquiatria é conseguir integrar conhecimentos teóricos, e competências diversas de acordo com os vários grupos profissionais, ou percursos de formação, numa estrutura coerente e organizada que corresponda às necessidades das pessoas que tratamos distribuídas num amplo espectro de patologias. A estruturação em Equipas Terapêuticas com áreas de intervenção definidas e estruturadas (de forma a dar a melhor resposta possível sobretudo aos doentes que mais dela necessitam) reunindo profissionais com diversos saberes mas partilhando objectivos últimos comuns é a base de um Serviço, que terá que garantir a articulação e comunicação entre elas sem que percam a sua especificidade.

À medida que os Serviços aumentam na sua complexidade é essencial que mantenham a sua estruturação, de uma forma coerente mas flexível e que estejam sobretudo preparados para responder às diferentes necessidades que um mesmo doente poderá ter em fases diferentes do seu percurso.

Se existem inúmeras limitações de recursos (de técnicos ou de estruturas, mas também dificuldades gritantes em termos económicos e na inexistência de soluções sociais em áreas como a habitação ou o emprego) que condicionam o nosso trabalho, e nos fazem por vezes desesperar, também é verdade que frequentemente podemos fazer melhor e de forma mais gratificante, se assumirmos o papel que nos cabe, tentando implementar aquilo em que acreditamos e podermos assim prestar melhores cuidados à população que seguimos.

Na dinâmica dos Serviços a formação contínua e a reflexão e discussão constante sobre a prática clínica têm um papel fundamental como catalizadores e reorganizadores.

Nesta perspectiva este segundo número da Psi Logos, afirma-se na multidisciplinaridade, aspecto fundamental da sua conceptualização. Foi com agrado que recebemos vários artigos de autores fora do nosso Serviço, que desenvolvem a sua actividade em variadas áreas do saber.

A Revista apresenta artigos tão diversos como os artigos de reflexão teórica de Cecília Borja Santos sobre Abordagem centrada na Pessoa, ou o de António Branco Vasco sobre a Fundamentação para a Integração em Psicoterapia, ou a descrição e discussão de aspectos diagnósticos e terapêuticos de vários casos clínicos (apresentados por Bernardo Ribeiro, Tânia Roquette, Raquel Ribeiro e Alda Rosa).

Sandra Almeida escreve sobre os instrumentos de avaliação do Insight em doentes esquizofrénicos, e Janete Maximiano e a Equipa de Psiquiatria de Ligação abordam a alteração da Imagem Corporal nas Doenças do Comportamento Alimentar, e suas formas de avaliação.

Andreia Ribeiro e Gisela Borges apresentam uma proposta de boa prática clínica na fase prodrómica da Psicose, um tema muito actual e de grande relevância para a organização de serviços.

Ana Paula Rocha desenvolve o tema do amor à luz da conceptualização psicanalítica.

O artigo de Graça Cardoso sobre Psiquiatria de Ligação, área de forte implementação no nosso serviço, deixa

transparecer a sua enorme experiência neste área. Berta Ferreira, Diogo Sennfelt e Alice Luís apresentam um estudo sobre a prevalência de Ansiedade e Depressão da Unidade Terapêutica da Dor.

Baseado na sua tese de Mestrado, Miguel Talina aborda o tema da Previsão do risco de violência nas Perturbações Mentais, e apresenta-nos as conclusões a que chegou.

A diversidade de temas, de opiniões e ideias, corresponde ao desafio que lançámos de publicar artigos, que traduzindo o gosto pela prática clínica, correspondessem àquilo que pode ser a riqueza e "fertilidade" da Psiquiatria.

Acreditamos que é pelo debate e pela partilha da experiência e das ideias que podemos alargar a nossa capacidade de conhecer, compreender e tratar.

A Directora da Revista
Teresa Maia